
Comunicação e Educação ou Educomunicação: sinônimos ou continuidades?¹

Cláudia Maria Moraes BREDARIOLI²
ESPM-SP, São Paulo, SP

RESUMO

Quando nos referimos à interface Comunicação-Educação nem sempre falamos essencialmente de práticas educacionais. Ou talvez assim o seja? A proposta deste artigo é apresentar uma indagação sobre as aproximações e os distanciamentos contidos em cada um dos conceitos, sem, contudo, querer incentivar qualquer ruptura. Ao contrário, buscando como referência os principais autores brasileiros que tratam desses questionamentos (Baccega, Citelli, Soares), encontramos uma linha evolutiva que aponta para o amadurecimento do campo dentro das implicações apresentadas à sociedade e ao cotidiano, diante das imposições tecnológicas, tomando como base para nossas observações um breve levantamento bibliométrico dos artigos publicados nas edições da revista Comunicação e Educação, de 2005 a 2019.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; educação; educomunicação.

A condição imposta pela contemporaneidade na qual os dispositivos midiáticos superam em muito o tempo e as relações dos sujeitos em comparação com os dispositivos educativos fortalece a construção da interface Comunicação-Educação no sentido de promover uma interdependência entre esses campos, constituída a partir da inteiridade de cada um deles e, simultaneamente, sem desmerecer qualquer parte desta conexão.

Não se trata, assim, de pensarmos sob uma perspectiva educacional, mas essencialmente de compreendermos que já não se pode pensar a Educação sem a Comunicação, ou tampouco a Comunicação sem a Educação, visto que a formação de sentido e, principalmente, a formação dos sujeitos se constituiu a partir de ambas, conforme Martín-Barbero (2014). Se na perspectiva educacional o fazer comunicacional se revela com força em processos educativos e formadores, há que se considerar que a formação de fato do sujeito-cidadão só se dará a partir de processos que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, doutora pela ECA-USP, e-mail: claudia.bredarioli@espm.br.

o transformem, o tirem do lugar, o permitam mover-se no mundo em direções diversas – algo que vai além da condição de dominar as práticas da produção e do consumo comunicativos, ainda que se considere todo o processo crítico implícito nesse fazer.

Percebe-se, porém, a partir das observações e leituras realizadas para o desenvolvimento deste texto, que a perspectiva educomucativa tem evidenciado mais proximidade com os processos educativos atuais, que priorizam o fazer, compreendendo uma formação técnica mais afeita a suprir exigências que permitam ao sujeito superar as etapas de inserção especialmente no mercado de trabalho. Contudo, educação crítica, que de fato permita a transformação e a autonomia do sujeito, talvez tenha menos espaço nesta esfera educomunicativa e considere a permanência do cidadão não só no âmbito do trabalho e da escola (sem desmerecer essas inserções essenciais), como também na sociedade e na vida.

Dessa forma, consideramos que não se poderia tratar de um campo porque um novo campo não daria conta de discutir a amplitude do que se coloca em cada campo, o da comunicação e o da educação. Além do mais, isso implicaria, talvez, em uma concorrência entre as perspectivas conceituais, algo que não nos interessa, especialmente sob a perspectiva de desarticulação de um campo que vem ganhando fôlego nas últimas décadas. Mas, de certa feita, vemos que uma meta de educar para mudar a sociedade e/ou uma meta de educar para uma sociedade em mudança estaria mais próxima da interface Comunicação-Educação do que da perspectiva Educomunicativa.

Daí a ideia de começar a discutir os conceitos envolvidos na compreensão de Educomunicação e diferenciá-la da perspectiva apresentada pelos estudos relativos à interface Comunicação e Educação, entendendo a relevância da totalidade de cada um dos campos – em diálogo – para o avanço na formação dos sujeitos.

Como justificativa para essa discussão trazemos a hipótese da percepção de uma certa confusão discursiva, na qual muitas vezes toma-se a Educomunicação como sinônimo daquilo que se compreenderia como a interface – e a conjunção – de dois campos distintos, o da Comunicação e o da Educação.

Como metodologia para esta observação inicial, escolhemos identificar a ampliação do uso do termo Educomunicação, tendo como contrapartida a redução da adoção de referências à interface Comunicação e Educação, tomando como fonte os títulos dos artigos relacionados à essas questões publicados na revista Comunicação e Educação de 2005 até o presente momento. A opção pelo marco inicial dos levantamentos ser o ano de 2005 se deve ao fato de a data marcar uma década da publicação, quando foi realizado um apanhado dos conceitos e temáticas até então abarcados pela revista. Neste mesmo ano, a então editora da revista, profa. dra. Maria Aparecida Baccega, escreve um editorial sobre a interface Comunicação-Educação e a relevância da permanência das discussões dentro desse contexto para o campo.

Trata-se, assim, de uma discussão que não se pode esgotar no espaço de um artigo, ainda que o presente texto traga como intuito central o questionamento sobre as aproximações e – principalmente – os distanciamentos entre ambas as perspectivas conceituais. Mais do que isso, cabe esclarecer que o objetivo é o de acrescentar criticidade e clareza às produções que circulam no campo sobre a necessidade de evitarmos a apreensão dessas questões como sinônimas.

Não se tem por objetivo, tampouco, o saudosismo ou fato de fecharmos os olhos para possibilidades de ampliação, diversificação e aprofundamento das questões implícitas à interface comunicação/educação, como bem enuncia Citelli: “os elos entre comunicação e educação caminham para novas aberturas, como se verifica de maneira decisiva nas ampliações do designativo educomunicação e educadores” (Citelli, 2014, p. 69). Segundo o autor apresenta no vocábulo Comunicação e Educação do Dicionário de Comunicação, a proposta parte do neologismo criado por Mario Kaplún em *Una pedagogia de la comunicación* (1998), para ressignificar o conceito no contexto de uma maturação da área de pesquisa cujas reflexões e ações sociais que identificam vínculos entre os “fazer educativos e comunicativos” (Citelli, 2014, p.69).

Para além disso, o que propomos é o resgate das bases que compõem a interface Comunicação-Educação no sentido de dar mais sustentação às discussões atuais, em um contexto que amplie a condição do ‘fazer’, em especial considerando-se as possibilidades emancipatórias às quais se refere Paulo Freire.

Consolidar-se-ia ainda, neste contexto, a expectativa de retomada da alfabetização midiática proposta por Paulo Freire como um caminho para imprimir também estratégias mais eficazes de noções sobre como detectar argumentos fraudulentos não só para comunicadores, mas para todos os leitores, espectadores e internautas, compreendendo, que “estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las” (Freire, 2011).

Para o educador, a possibilidade que têm os seres humanos de atuar sobre a realidade objetiva e de saber que atuam, de que resulta que a tomam como objeto de sua curiosidade, a sua comunicação mediatizada pela realidade, por meio de sua linguagem criadora, a pluralidade de respostas a um desafio singular, testemunham a criticidade que há nas relações entre eles e o mundo.

Para os seres humanos, como seres da práxis, transformar o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho. (...) A ação é trabalho não por causa do maior ou menor esforço físico despendido nela pelo organismo que atua, mas por causa da consciência que o sujeito tem de seu próprio esforço, da possibilidade de programar a ação, de criar instrumentos com que melhor atue sobre o objeto, de ter finalidades, de antecipar resultados. Assim, na medida em que os seres humanos atuam sobre a realidade, transformando-a com seu trabalho, que se realiza de acordo como esteja organizada a produção nesta ou naquela sociedade, sua consciência é condicionada e expressa esse condicionamento através de diferentes níveis. (...) **O pensar crítico é fundamental também como um modo de enfrentar a potencialidade mitificante da tecnologia, que se faz necessária à recriação da sociedade.** (Freire, 2011, locais do ebook 1620-1625, grifo nosso)

Como se vê, bem antes de o conceito de pós-verdade ganhar fama, Paulo Freire já apontava que aos seres humanos seria “fundamental um modo de enfrentar a potencialidade mitificante da tecnologia, que se faz necessária à recriação da sociedade”, pois “nas sociedades massificadas os indivíduos ‘pensam’ e agem de acordo com as prescrições que recebem diariamente dos chamados meios de comunicação” (ibidem). E completa:

A tecnologia deixa de ser percebida como uma das grandes expressões da criatividade humana e passa a ser tomada como uma espécie de nova divindade a que se cultua. A eficiência deixa de ser identificada com a capacidade que têm os seres humanos de pensar, de imaginar, de arriscarem-se na atividade criadora para reduzir-se ao mero cumprimento, preciso e pontual, das ordens que vêm de cima. (Freire, 2011, locais do ebook 1647-1649)

Toma-se por base a ótica apresentada por Paulo Freire sobre a condição humana de desenvolver-se a partir do contexto cultural que lhe é apresentado: “o homem, como um ser de relações, desafiado pela natureza, a transforma com seu trabalho; e o resultado desta transformação, que se separa do homem, constitui seu mundo. O mundo da cultura que se prolonga no mundo da história”. (Freire, 2011, p. 85). Nesse contexto cultural contemporâneo em que a mídia digital se tornou inerente à vida, tem sido natural considerar, a partir dessa lógica proposta por Freire, que o trabalho, especialmente o intelectual – e da mesma maneira a formação que antecede este trabalho – seja afetado diretamente pelas condições tecnológicas que se impõem.

O homem (...) é um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da ‘práxis’; da ação e da reflexão. Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. **Atuando, transforma; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, envolvendo-o, condiciona sua forma de atuar.** (Freire, 2011, p. 30, grifo nosso)

Sob essa necessidade de transformação do mundo que deveria impingir a práxis da ação e da reflexão, as perspectivas contemporâneas de produção estariam, assim, em franco processo de repaginação. Trata-se de uma mudança por justaposição de procedências e adoção de novos formatos que passam a ser aceitos e praticados. A posição é alinhada à de Martín-Barbero (2004), para quem a ideia de que a internet levaria à dispensa dos intermediários entre produtores e consumidores de mídia consiste em uma utopia, pois continuamos precisando de mediadores em diversos setores da nossa vida. Para Martín-Barbero (2010), é difícil sabermos o que realmente importa em um universo com tantas informações. Assim, o problema passaria pela preparação das pessoas, dos cidadãos, para atuarem como interlocutoras desse entorno informacional das tecnologias digitais. Daí a relevância da discussão dessas questões no âmbito dos estudos que destaquem a interface Comunicação e Educação propostos neste Grupo de Pesquisa.

A partir dessas considerações, apresentamos o levantamento bibliométrico que dá início à observação aqui proposta, realizado para a sustentação metodológica deste artigo, que toma como critério norteador a aparição dos termos Educomunicação e Comunicação/Educação, bem como variações adjacentes, nos títulos dos artigos publicados ao longo do período que compreende as edições publicadas entre primeiro

semestre de 2005 até o primeiro semestre de 2019. A proposta foi a de adotar a bibliometria no sentido de um estudo que possa nos ajudar a quantificar os registros da comunicação escrita sobre a temática de interesse apresentada neste texto.

A seguir apresentamos quantas vezes cada um dos termos (em números, entre parênteses) aparece nos títulos dos artigos publicados pela Comunicação & Educação em cada uma das edições ao longo dos anos selecionados para essa observação:

2019.1 – educação para a comunicação (1)
2018.2 – interfaces educacionais (1) educação (1)
2018.1 – educação (1) educacional (1)
2017.2 – educação (1)
2017.1 – educação (1) comunicação e educação (1) comunicação educacional (1)
2016.2 – educação (2) educacional (2)
2016.1 – educação (2) educacional (1)
2015.2 – educação (1) comunicação e educação (1) educacional (2)
2015.1 – educação (1) educacional (1)
2014.2 – educação (4)
2014.1 – comunicação e educação (2) educação (3)
2013.2 – educação (2)
2013.1 – educação (2)
2012.2 – comunicação e educação (1) comunicação para a educação (1)
educação (1) educação para os meios (1)
2012.1 – educacional (1) comunicação escolar (1)
2011.2 – educar (1) comunicação e educação (1)
2011.1 – educação (1) comunicação e educação (1)
2010.3 – comunicação e educação (1) educação (1)
2010.2 – comunicação e educação (2)
2010.1 – comunicação e educação (1) educação (1)
2009.3 – comunicação e educação (3) educação (1)
2009.2 – comunicação e educação (1)
2009.1 – comunicação e educação (2)
2008.3 – comunicação e educação (1) educador (1)
2008.2 – comunicação e educação (2)
2008.1 – comunicação e educação (2)
2007.3 – comunicação e educação (1)
2007.2 – comunicação e educação (1) educação (1)
2007.1 – comunicação e educação (2)
2006.3 – comunicação e educação (3)
2006.2 – comunicação e educação (1)
2006.1 – comunicação e educação (2)
2005.3 – comunicação e educação (4)
2005.2 – comunicação e educação (1)
2005.1 – comunicação e educação (2)

A partir da observação dos dados expostos acima podemos notar que as referências à Educomunicação praticamente tomam o espaço das que apontavam a ótica inicial que dava prioridade à interface Comunicação-Educação. A partir dessa constatação nos perguntamos: uma perspectiva tem tomado o lugar da outra? Seriam elas vistas como complementares ou substitutas?

Citelli (2014) cita, a partir de Soares (2011), que as quatro grandes áreas de abrangência da Educomunicação são: a educação para a comunicação – que abarcaria temas como a leitura crítica dos meios; as mediações tecnológicas na educação – sobre mediadores técnicos, como televisão ou internet, no ambiente escolar; a gestão comunicativa – mais próxima de questões dos mecanismos que afetam a escola; e, por fim, a reflexão epistemológica – que permitiria o desenvolvimento do pensamento sobre a própria interface, suas bases teóricas e metalinguagens.

Não identificamos, contudo, nas edições recentes da *Comunicação & Educação* artigos sobre essa última grande área de abrangência – que a nosso ver responderia de certa forma às discussões sobre as inter-relações entre os campos da Comunicação e da Educação.

Nosso simples levantamento bibliométrico não nos permite afirmar, mas delinea a necessidade de se voltar a pensar no campo com mais atenção sob a perspectiva da reflexão epistemológica que, a nosso ver, seria a principal ponte de conexão a ser estabelecida entre as práticas educacionais e a interface Comunicação-Educação, pensada inicialmente ainda sob um contexto no qual a escola visualizava com bastante distanciamento o poder dos conteúdos comunicacionais – especialmente os construídos pela mídia – no processo de formação dos cidadãos. Atualmente, tem-se mais clareza sobre as novas observações colocadas no âmbito escolar e sua relação sobre os processos de produção, recepção e circulação do conteúdo midiático. Mas, ainda assim, percebe-se, em geral, uma adoção que tende a ser mais ferramental do que de crítica da mídia no espaço da sala de aula.

Dentro de uma proposta atual de pedagogia da Educação, procura-se que o sujeito escolar se converta de agente passivo em sujeito ativo, livre, responsável e crítico dos meios

de comunicação, por meio de diferentes formas de expressão criativa – por imagens, códigos, símbolos, relações, emoções e sensações. Procura-se recuperar o processo de comunicação/partilha/participação no processo educativo, no qual professores e alunos (sujeitos comunicantes) interagem mediante estratégias e instrumentos que possibilitam compreender o mundo e expressá-lo para viver melhor e poder, assim, escrever sua história.

Hoje a educação, como um bem social básico para organizar a sociedade do nosso tempo – do conhecimento e da informação –, está mais do que nunca relacionada aos meios de comunicação. Por isso a importância de também discutir a questão de uma educação mediada para o mundo atual.

Dentro desse cenário, temos ainda o fato de que ativar os processos comunicativos implica refazer processos de conhecimento – uma via de mão dupla entre comunicação e educação. Para isso, é preciso compreender melhor os meios de comunicação, já que o conhecimento dos processos dessa comunicação se torna indispensável para alguém passar de uma consciência ingênua, que não questiona os meios, a uma consciência crítica, que supere os preconceitos existentes e capte a complexidade de dimensões envolvidas. E é justamente essa crítica que irá capacitar o usuário para discernir informações. Conforme coloca Adorno:

É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. (Adorno, 2003, online)

Os discursos tentam diminuir esse espaço de negociação com o uso de linguagens não institucionais que passam a ser reconhecidas. Segundo Foucault, isso envolve o conceito de palavra de ordem, de partir da regulação das marcas estruturais e repeti-las. O discurso escolar, por exemplo, tem ao mesmo tempo marcas da hierarquia, da exclusão e da coerção, além de ser também disciplinar. Assim diz Foucault:

Enfim, em escala muito mais ampla, é preciso reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos. Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos

discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (Foucault, 2003, p. 43)

Enfrentar esse desafio de ir além dos discursos é considerar que linguagem não é mera ornamentação retórica do que está implícito no ato de dizer. Justamente por isso é preciso de fato haver compromisso com o que se diz. É o que explica Baccega:

A mediação entre o homem e a realidade objetiva é exercida pelas linguagens, sobretudo pela linguagem verbal, pela palavra. Essas palavras assumem seus significados em discursos. Consideramos necessário, portanto, discutir alguns aspectos do signo verbal (palavra), produção/reprodução de sentidos até chegarmos à construção dos discursos, sobretudo os da história e da literatura. (...) A linguagem supõe sempre a existência de indivíduos socialmente organizados. São eles que vão fazer um ‘contrato’ entre eles e instituir os significados. As condições reais do momento em que a linguagem é utilizada determinam a maneira de usá-la. (Baccega, 1995, p. 31)

Segundo Soares (2002), as práticas da gestão comunicativa buscam convergência de ações sincronizadas em torno de um grande objetivo: ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas. Por isso uma das funções do gestor pode ser a de cuidar para que as pessoas falem, de dedicar-se ao diálogo bem feito. Daí a necessidade de a educação ser multifuncional, trabalhar com as diversidades, permitir o desenvolvimento diferente de cada um. Como afirma Citelli:

Se a escola e o professor funcionam como instâncias mediativas, por exemplo da televisão, do jornal ou do rádio, o aluno também deve ser visto e entendido como mediador do discurso escolar. Segundo Mikhail Bakhtin, é nesse permanente entrecruzar de signos, no fogo vivo dos descentramentos, que se revelam os estados de consciência e se elaboram os fluxos capazes tanto de cifrarem as lógicas interlocutivas como dinamizarem os trânsitos necessários à produção de sentidos. Por esse caminho será inoportuno continuar tratando o eixo instituição/professor como lugar único capaz de controlar e fazer circular o discurso da escola. Até porque, como buscamos demonstrar, os sentidos não são entidades prontas, acabadas ou metafisicamente constituídas, mas imperativos resultantes de jogos de linguagem e cruzamentos discursivos, malgrado possam ocorrer dominâncias ou mesmo tentativas de circunscrição manipulatória. Daí ser, hoje, expressão de largo uso – a despeito de que nem sempre ouvida ou praticada – ‘a necessidade de se reconhecer a voz do aluno. (Citelli, 2000, p. 123)

Assim reforçamos a importância de uma pedagogia mediática e emancipadora, na qual, segundo Orozco (1997), o desafio está em unir os dois lados: o intelectual que quer ensinar, educar; e os meios de comunicação que buscam divertir, entreter. Não haveria como esta segunda postura não ser percebida como mais simpática e adequada, e até menos pretensiosa. Educar para a comunicação ajuda a expressar relações mais ricas de sentido entre as pessoas e a sociedade como um todo. Nisso entra a possibilidade de

conhecer como se dá a produção nos meios de comunicação, o que nos permite não ignorar o filtro que é da natureza da mídia, mas saber como construir uma nova realidade a partir desse mundo editado. Como diz Freire:

A expressão ‘extensão educativa’ só tem sentido se se toma a educação como prática da ‘domesticação’. Educar e educar-se na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (...) **Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.** (Freire, 1977, p. 25, grifo nosso)

A partir dessa perspectiva, podemos pensar que talvez nunca tenhamos acompanhado tamanho fluxo de conteúdos que perpassam as diversas mídias e, reinventando-se a partir de cada uma delas, se tornem um produto passível de trânsito em todas elas como observamos neste momento da contemporaneidade. Isso poderia significar uma grande diversidade de oportunidades. Há que se considerar ainda que o ambiente da web, sendo favorável à atuação criativa e inteligente (Orozco-Gómez, 2011), incentiva novas apropriações e, por sua vez, contribui para que, de alguma forma, se modifique a condição da comunicação, transpondo o movimento emissor-mensagem-receptor em via única. Essa mudança deve-se, em parte, à evolução técnica que possibilita cada vez mais a participação dos agentes. E, dessa forma, reforça a necessidade da presença e da condição emancipatória da educação na vida dos sujeitos – uma alçada que a interface Comunicação-Educação tem capacidade de alcançar.

A Educação e a Comunicação são necessidades exigidas em diversas áreas em que prevalece a comunicação humana e não podem ser confundidas com a utilização do uso de mídias em contexto escolar, embora essa utilização tenha fortalecido a aproximação entre as ciências. Até o momento, diversos termos vêm sendo utilizados para aproximar essas áreas de conhecimento, tais como: “comunicação educativa”; “educação para os meios”; “educação para a recepção”; “pedagogia da comunicação”; “educomunicação”; “mídia educação”, o que contribuiu ainda mais para dificultar a demarcação e definição de um campo que abarque essas ciências.

As interações sociais são objeto de estudo das duas áreas e são a essência de ambas. Sobre a relação que têm os dois campos com a sociedade e as atividades humanas, de socialização, pode-se afirmar que a sua inter-relação se dá uma vez que as relações pessoais estão impregnadas da presença da mídia, mas não se reduzem a elas. Para Soares (2011), em uma primeira ocasião, não parecia possível que estas ciências pudessem se integrar em algum momento, visto que foram estabelecidas ao longo do tempo com funções específicas.

Segundo o autor, a educação tem como função administrar a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação fica encarregada da difusão das informações e do lazer popular. Ainda de acordo com ele, a discussão do pode ser lida por duas óticas a da interdiscursividade e a da interface. A da interdiscursividade traz a possibilidade de encontrar um discurso transversal que integre a comunicação e a educação. Já na interface, de acordo com ele, esses campos apresentam integração imediata. De certa feita, essa perspectiva não é corroborada por diversas outras às quais podemos apresentar neste texto, ratificando a necessidade de discussão do tema e de esclarecimento sobre os limites e condições de abarcar discussões dentro de cada um deles.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação após Auschwitz**. Disponível em <www.geocities.com/filosofiasf/auschwitz.htm> Acesso em 2 de dezembro de 2003.
- BACCEGA, M.A. **Palavra e discurso**. São Paulo: Ática, 1995.
- CITELLI, A. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Senac, 2000.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. rev. atual. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. Formato: ePub. Edição do Kindle.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 25 e 27
- MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo – travessias latino-americanas da comunicação e da cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

OROZCO-GOMES, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. **Revista Comunicação & Educação**, nº 10. São Paulo: Moderna/CCA, 1997.

OROZCO GÓMES, G. Comunicação, educação e novas tecnologias: a tríade do século XXI. In: CITELLI, A.; COSTA, M. C. C. (orgs). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011

SOARES, I.O. Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M.A. (org). **Gestão de processos comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma no ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.